

# OS SETE DE CHICAGO

CAP. DE AMOSTRA

CAP. DE AMOSTRA

# Sumário

Lista de Ilustrações de Jules Feiffer	xiii
Agradecimentos	xv
Nota do Editor	xvii
Introdução: Os Anos 1960 em Julgamento	1
Cronologia	43
<b>TRANSCRIÇÃO DO JULGAMENTO</b>	<b>57</b>
I. Declarações Iniciais	59
II. O Caso da Acusação	75
Raymond Simon, consultor jurídico da cidade de Chicago	75
David Stahl, oficial administrativo do prefeito de Chicago, Richard Daley	78
Mary Ellen Dahl, policial de Chicago	81
Robert Pierson, policial de Chicago disfarçado	83
Detetive Frank Riggio, do Departamento de Polícia de Chicago	86
Carl Gilman, jornalista e informante do FBI	92
Louis Salzberg, jornalista e informante do FBI	98

Frank D. Sweeney, publicitário e informante do FBI	99
William Frapolly, policial de Chicago disfarçado	101
Bill H. Ray, assistente do xerife do condado de San Mateo	121
John Braddock, cinegrafista da ABC-TV	125
Irwin Bock, policial de Chicago disfarçado	129
Richard Schaller, oficial de Inteligência Naval dos EUA	132
III. O Caso da Defesa	137
Phil Ochs, cantor/compositor de protesto	139
Allen Ginsberg, poeta	143
Dick Gregory, comediante e ativista político	154
Linda Morse, Fifth Avenue Peace Parade Committee	156
Dr. Timothy Leary, ex-professor de psicologia de Harvard e defensor do LSD	159
Paul Sequeira, fotógrafo do <i>Chicago Daily News</i>	161
Richard Daley, prefeito de Chicago	171
Ed Sanders, líder da banda de rock The Fugs	178
Julian Bond, ativista dos direitos civis e membro da Câmara dos Representantes da Geórgia	181
Arlo Guthrie, cantor folk	183
Paul Krassner, editor da revista <i>The Realist</i>	184
Judy Collins, cantora folk	185
Rennie Davis pela acusação	192
Norman Mailer, escritor	196
Ramsey Clark, ex-procurador-geral dos Estados Unidos no governo do presidente Lyndon Johnson	199
Bobby Seale, presidente do Partido dos Panteras Negras	202

Bobby Seale pela acusação	203
Staughton Lynd, historiador e ativista	204
Reverendo Jesse Jackson, ativista dos direitos civis	206
IV. Réplica da Acusação	213
James Riordan, vice-chefe de polícia de Chicago	213
V. Alegações Finais e Instruções ao Júri	219
VI. As Acusações de Desacato	235
VII. Vereditos e Sentenças	249
Posfácio Tom Hayden, 2006	265
Notas	289

CAP. DE AMOSTRA

# Introdução: Os Anos 1960 em Julgamento

Jon Wiener

No final dos anos 1960, parecia que todos os conflitos nos Estados Unidos haviam sido condensados e, depois, extravasados no tribunal do júri da Conspiração de Chicago. O julgamento tinha como foco as manifestações ocorridas em Chicago em agosto de 1968, em que cerca de 10 mil jovens compareceram diante da Convenção Nacional Democrata para protestar contra a Guerra do Vietnã e confrontar seus fomentadores em nome do povo. Eles foram recebidos por um número semelhante de policiais, guardas nacionais e soldados. Os conflitos resultantes, transmitidos em rede nacional para uma audiência de milhões, “marcaram uma crise na ordem política e cultural do país”<sup>1</sup>. Oito meses depois, procuradores federais indiciaram oito líderes e os acusaram de conspiração e incitação a tumulto. O julgamento, que dominou os noticiários durante meses, levou o país a decidir o que pensava sobre a paixão e o comprometimento do movimento antiguerra e sobre as táticas e os argumentos dos defensores do *status quo*.

No tribunal, os acusados confrontaram um juiz e os procuradores, que pareciam representar tudo o que era injusto e opressor sobre o *status quo*. Os réus indignaram o mainstream — e encantaram os jovens em todo o mundo — ao tratar o juiz com uma espécie de zombaria e nítida provocação raramente vista em um

tribunal norte-americano. Abbie Hoffman mandou beijos ao júri; compareceu ao tribunal, junto com Jerry Rubin, usando togas; e insultou o juiz Julius Hoffman em iídiche (ambos os Hoffmans eram judeus). Diante do júri, Dave Dellinger chamou o depoimento do vice-chefe de polícia de “papo furado”. O Pantera Negra Bobby Seale, privado de seu próprio advogado e após ter seu direito de representar a si mesmo negado repetidas vezes, chamou o juiz de “porco racista podre” e “porco mentiroso fascista”.<sup>2</sup>

O juiz Julius Hoffman desempenhou com maestria o papel de um repressivo agente do governo, especialmente ao ordenar que Bobby Seale fosse amarrado e amordaçado. O resultado, visto por milhões na TV, nos jornais e nas revistas (em esquetes, pois câmeras eram proibidas em salas de tribunal), foi o horrível espetáculo de um homem negro acorrentado perante um tribunal norte-americano, gritando através de uma mordaca para exigir seus direitos.

O pano de fundo desse confronto no tribunal era a contínua guerra do Vietnã, as manifestações antiguerra em centenas de campi, os motins e as rebeliões em guetos urbanos e Nixon se mudando para a Casa Branca após oito anos de governo democrata.

Para a acusação, o julgamento era uma forma de reescrever a história das manifestações e do movimento antiguerra em geral, a fim de retratá-los não como esforços legítimos dos cidadãos para terminar uma guerra imoral e errada, mas, sim, como uma conspiração ilegal e violenta em que pessoas honestas foram enganadas e manipuladas por alguns líderes autoproclamados.

Na verdade, os líderes julgados pelo governo Nixon eram de movimentos distintos, com ideias diferentes sobre o que estava errado nos Estados Unidos e estratégias divergentes de como mudar a situação. Líderes de três movimentos enfrentaram os procuradores federais em Chicago: os radicais culturais Abbie

Hoffman e Jerry Rubin, líderes dos “Yippies”; os radicais políticos Dave Dellinger, Tom Hayden e Rennie Davis, líderes do Comitê de Mobilização Nacional para Acabar com a Guerra do Vietnã — “Mobe”, na sigla em inglês —; e o radical negro Bobby Seale, presidente do Partido dos Panteras Negras.

### RADICAIS CULTURAIS: OS YIPPIES

Os radicais culturais, representados por Abbie Hoffman e Jerry Rubin, fizeram parte de uma revolta jovem que definiu a “liberdade” de forma muito mais ampla do que os radicais políticos. A deslegitimação de autoridade trazida pela Guerra do Vietnã levou à rejeição não apenas dessa política, mas de praticamente todos os valores e prioridades do mundo adulto. A contracultura rejeitou o trabalho e a busca de riquezas em favor da diversão e da busca do prazer; rejeitou a vida familiar em favor da vida comunitária; abraçou as drogas como recreação e caminho para a iluminação; celebrou a liberdade sexual como alternativa à repressão sexual. Ela trouxe um elemento lúdico para a política, pois o Partido Internacional da Juventude, os chamados Yippies, valeu-se do humor para desafiar a injustiça e a exploração. Seu evento mais famoso aconteceu na Bolsa de Valores de Nova York em 1967, onde Abbie Hoffman jogou notas de dólar da galeria no pregão, parando o mercado enquanto os traders se engalfinhavam para pegar o dinheiro. E a contracultura celebrou a juventude em festivais de rock monumentais — em agosto de 1969, Woodstock reuniu mais de 400 mil jovens no interior do estado de Nova York para um festival de três dias, totalmente pacífico e não violento. Para Chicago, em agosto de 1968, os Yippies planejaram sua própria

versão de “festival da vida” para desafiar o “festival da morte” que viram na Convenção Nacional Democrata.

Abbie Hoffman, com 33 anos na época do julgamento, era um radical e rebelde de imenso talento. Graduado pela Brandeis, ele se dedicara a movimentos pelos direitos civis e pela paz no início dos anos 1960. Entendia o poder da mídia e trabalhava em táticas para subvertê-lo. Em uma entrevista coletiva de 1967, declarou que a manifestação antiguerra planejada para o Pentágono seria um “exorcismo para expulsar os espíritos malignos” e que um “contingente do flower power [poder das flores]” cercaria o local e o faria “levitar”.<sup>3</sup>

Abbie considerava o tribunal o lugar ideal para colocar em ação suas ideias sobre o teatro de guerrilha. Foi um dos dois réus escolhidos para testemunhar, e seu depoimento foi brilhante e muitas vezes hilário:

P: “Entre a data de seu nascimento, 30 de novembro de 1936, e 1º de maio de 1960, o que aconteceu em sua vida, se é que aconteceu algo?”

R: “Nada. Acredito que isso se chama educação norte-americana.”

Jerry Rubin, com 30 anos no início do julgamento, cresceu em uma família judia da classe trabalhadora em Cincinnati, tornando-se um estudante radical de Berkeley e líder do movimento para acabar com o treinamento de tropas em Oakland. Concorreu a prefeito de Berkeley e recebeu 22% dos votos. Em 1966, ele desenvolveu uma política de mídia radical, ganhando as manchetes e a cobertura da imprensa por seu comparecimento perante o temido Comitê de Atividades Antiamericanas (HUAC, na sigla em inglês), que investigava o movimento antiguerra; Jerry vestiu um uniforme da Guerra da Independência e distribuiu cópias da Declaração da Independência. Disse que queria mostrar aos jo-

vens que “não é preciso ter medo, pois é possível transformá-lo em coragem”.<sup>5</sup> Foi dele a ideia de concentrar a mobilização antiguerra ocorrida no outono de 1967 em Washington, D.C., no Pentágono, e não no Capitólio dos EUA, como os líderes da manifestação haviam planejado originalmente.

### RADICAIS NEGROS: OS PANTERAS

O movimento pelos direitos civis se tornou mais militante em meados dos anos 1960, quando a era de “We Shall Overcome” deu lugar ao “Black Power”, um slogan ouvido pela primeira vez em 1966 entre ativistas inspirados por Malcolm X e amargurados pelo fracasso do governo federal em parar os ataques a defensores dos direitos civis no Deep South. “Black Power” tinha significados distintos para pessoas diferentes; o novo grupo mais proeminente a utilizar o slogan foi o Partido dos Panteras Negras, fundado em 1966, em Oakland, por Huey Newton e Bobby Seale e famoso por sua apologia à autodefesa armada em resposta a ataques policiais. O programa de dez pontos dos Panteras incluía o fim da brutalidade policial, o pleno emprego e a isenção do serviço militar para homens negros. Ao contrário de outros grupos radicais negros no final dos anos 1960, os Panteras eram receptivos às alianças com grupos radicais brancos que compartilhavam seus objetivos revolucionários, incluindo a Students for a Democratic Society (SDS) e mais tarde o Weather Underground. Os Panteras organizavam programas de café da manhã para crianças pobres, mas trinta de seus membros também demonstravam suas crenças marchando armados para o plenário da assembleia legislativa da Califórnia. Bobby Seale leu uma declaração e foi preso, junto com os outros Panteras.

Bobby Seale, presidente do Partido dos Panteras Negras, com 33 anos na época do julgamento, tinha a personalidade pública de um defensor ferrenho da autodefesa armada. “O verdadeiro Bobby”, escreveu Tom Hayden mais tarde, “era colérico e incitador, com certeza, mas, por trás de sua máscara, também irradiava humanidade, aguçados poderes de observação, senso de humor e um desejo pela simples decência. Nem todos os Panteras eram tão responsáveis quanto ele”.<sup>6</sup>

No ano anterior às manifestações e ao julgamento em Chicago, militantes negros como os Panteras tinham uma visão de mundo completamente diferente daquela da contracultura. Para os hippies dos Estados Unidos, 1967 foi o “verão do amor”, uma época em que os “filhos das flores” lotavam os festivais e os parques para cantar “All You Need Is Love”, canção dos Beatles que liderava as paradas musicais. No entanto, para os norte-americanos negros, aquele foi “o longo e quente verão” no qual levantes, rebeliões e insurreições nos guetos resultaram em milhares de presos e feridos e dezenas de mortos, especialmente em Newark e Detroit.

Essa distância entre os jovens brancos e negros tornou a acusação de Bobby Seale como membro da Conspiração de Chicago ainda mais improvável. Os Panteras não tinham interesse em protestar contra o Partido Democrata em 1968; antes do julgamento, Seale não conhecia Abbie Hoffman, Jerry Rubin ou qualquer um dos outros réus, exceto Tom Hayden; ele não teve nada a ver com o planejamento das manifestações e fez apenas um discurso em Chicago. Porém, foi indiciado, pois o governo Nixon estava interessado em processar e prender os líderes dos Panteras, como parte de sua política repressiva de “lei e ordem”.

## RADICAIS POLÍTICOS: O “MOBE”

Além dos radicais culturais e dos radicais negros, o terceiro grupo levado a julgamento em Chicago foram os radicais políticos, representados por Dave Dellinger, Rennie Davis e Tom Hayden. Dave Dellinger, com 54 anos, era o mais velho dos réus, um socialista e pacifista cristão ao longo da vida. Filho de um advogado rico, frequentou Yale e Oxford — e então, durante a Segunda Guerra Mundial, foi para a prisão por três anos como pacifista e objetor de consciência. Ele se opôs à Guerra da Coreia e, em meados dos anos 1960, tornou-se o presidente do Comitê de Mobilização Nacional para Acabar com a Guerra no Vietnã — “Mobe”. O repórter J. Anthony Lukas, que cobriu o julgamento para o *New York Times*, escreveu que Dellinger “parecia um chefe de escoteiros de folga”.<sup>7</sup>

Rennie Davis, com 29 anos na época do julgamento, era um autêntico norte-americano. Em seu depoimento, disse que fora pela primeira vez a Chicago quando criança para um concurso de criação de galinhas em um clube de jovens agricultores, onde ganhou o quarto lugar. Formado em Oberlin, tornou-se o organizador mais talentoso da Nova Esquerda em meados dos anos 1960. Segundo Lukas, na liderança do Mobe, ele “fez a maior parte da organização real” tanto para as manifestações quanto para o julgamento.<sup>8</sup> Em 1967, visitou o Vietnã do Norte. A defesa o escolheu como um dentre os dois réus que seriam chamados a depor.

Tom Hayden também tinha 29 anos na época do julgamento; de acordo com Lukas, era o que mais possuía “inteligência absoluta” dentre todos os réus.<sup>9</sup> Criado como católico irlandês de classe média em Michigan, formou-se na Universidade de Michigan e foi um dos fundadores da Students for a Democratic Society (SDS).

Em 1961, ele trabalhou com ativistas dos direitos civis no Sul e foi espancado por uma multidão de brancos em McComb, Mississippi. No ano seguinte, redigiu a “Declaração de Port Huron” para a SDS, indicando os ideais e os objetivos da Nova Esquerda.<sup>10</sup> Foi organizador de comunidades pobres em Newark por três anos e testemunhou a rebelião de julho de 1967, que durou uma semana. Também viajou para o Vietnã do Norte em 1965. Era um estrategista crucial para o Mobe e o movimento nacional, e, mais do que qualquer um dos acusados, queria uma estratégia de defesa que não apenas desafiasse o tribunal, mas conquistasse alguns jurados para acarretar um impasse do júri — permitindo que os réus continuassem seu trabalho antiguerra em vez de ir para a prisão.

Dois outros foram indiciados: John Froines e Lee Weiner. Froines era um jovem doutor em química; Weiner era um aluno de doutorado em sociologia na Northwestern. Apesar de organizadores das manifestações de Chicago, não eram líderes nacionais e, de fato, acabaram sendo absolvidos de todas as acusações.

## A GUERRA E O JULGAMENTO

A acusação e o juiz insistiram que o cerne do julgamento era conspiração e incitação a tumulto; a defesa insistiu que era a guerra e o direito de se manifestar contra ela. A versão oficial retratou a guerra como um esforço para defender a democracia em um país que estava sendo invadido por comunistas agindo em prol da União Soviética e da China. Essencialmente, os réus viam a guerra como uma continuação da luta vietnamita pela independência, que começou como uma luta contra o colonialismo francês após a Segunda Guerra Mundial. Essa fase terminou em 1954 com a vitória vietnamita e os Acordos de Genebra — o tratado de paz

que dividiu o Vietnã em duas zonas, o Norte Comunista e o Sul, apoiado pelos Estados Unidos. Segundo os termos dos Acordos de Genebra, as eleições e a reunificação seriam concluídas dentro de dois anos.

Com frequência, os réus repetiam que o Vietnã do Sul não era uma democracia e que esta havia sido banida do Vietnã em 1956, quando o presidente Eisenhower interrompeu as eleições porque era evidente que os comunistas venceriam — afinal, eles haviam liderado a luta pela independência. Nesse ponto, os Estados Unidos começaram a enviar forças militares para defender o governo de Saigon, estabelecido pelos norte-americanos. Os réus também declaravam que os democratas eram mais responsáveis pela guerra do que os republicanos — Kennedy enviou 16 mil “conselheiros” norte-americanos; e Lyndon Johnson representou uma escalada monstruosa: na época da Convenção Democrata em Chicago, meio milhão de soldados norte-americanos lutavam contra os vietnamitas, e os EUA lançavam mais toneladas de bombas no pequeno país do Vietnã do que ambos os lados em toda a Segunda Guerra Mundial.

No momento do julgamento, os réus organizavam a campanha contra a guerra há quatro ou cinco anos. A maioria deles havia participado da primeira marcha em Washington, organizada pela SDS em abril de 1965 — cerca de 25 mil pessoas compareceram, para surpresa de todos, inclusive dos organizadores. Em 1967, a SDS tinha 30 mil membros em 247 escritórios, em lugares que variavam de Harvard, Yale e Princeton a faculdades comunitárias da classe trabalhadora. À medida que a guerra se tornava maior e mais destrutiva, a SDS intensificou sua retórica e estratégia, exortando os jovens a queimarem seus cartões de alistamento e a se recusarem a servir às Forças Armadas — e milhares o fizeram. Em outubro de 1967, o movimento atingiu um novo ápice

em número e impacto com a expressiva e monumental marcha ao Pentágono. Essa manifestação inspirou a ideia de uma passeata na Convenção Nacional Democrata, que seria realizada em Chicago no ano seguinte. Em 1968, a SDS pediu uma mudança “de protesto para resistência”.

O ano de 1968 marcou o clímax da década de 1960; os protestos na Convenção Nacional Democrata em Chicago sucederam sete meses de eventos que abalaram a maneira como a maioria dos norte-americanos entendia seu mundo. Em primeiro lugar, veio a guerra: os oficiais norte-americanos declaravam regularmente que a maré estava mudando e que dava para ver a luz no fim do túnel. Porém, no final de janeiro de 1968, os comunistas lançaram a Ofensiva do Tet, ataques-surpresa simultâneos a todas as cidades e capitais provinciais do Vietnã do Sul, que culminaram na invasão de combatentes no complexo da embaixada norte-americana no coração de Saigon. A Ofensiva do Tet convenceu os norte-americanos de que não deveriam acreditar em seus líderes e que a Guerra do Vietnã não poderia ser vencida. Mas, ainda assim, a guerra continuou; na época dos protestos da convenção em agosto de 1968, o número de mortos era de quase 30 mil norte-americanos e centenas de milhares de vietnamitas.<sup>11</sup>

Lyndon Johnson, enfrentando uma campanha de reeleição em 1968, havia sido desafiado nas primárias democratas pelo senador Eugene McCarthy, de Minnesota. Depois que Johnson desistiu da campanha de reeleição no final de março, Robert Kennedy, então senador por Nova York, entrou nas primárias como segundo candidato antiguerra, e o vice-presidente Hubert Humphrey tornou-se o candidato dos adeptos habituais do partido. Ao que parecia, a convenção de Chicago significaria uma escolha real em relação ao candidato, à guerra e ao futuro dos democratas.

Então, em abril, ocorreu o assassinato — por um homem branco — de Martin Luther King, em Memphis, provocando a maior onda de motins e rebeliões negras da história norte-americana. Em Chicago, o prefeito Richard Daley deu ordens específicas à polícia: “atirar para matar” incendiários e “atirar para mutilar ou aleijar” saqueadores em bairros negros — isso foi apenas quatro meses antes de o prefeito Daley confrontar os manifestantes na Convenção Nacional Democrata, e os líderes dos protestos começaram a se preocupar com a posição dele em relação à “violência nas ruas”.

A nação sofreu um segundo grande golpe em junho, quando Robert Kennedy foi assassinado em Los Angeles por um nacionalista palestino na noite das primárias da Califórnia.

Nesse ínterim, Richard Nixon retornou ao cenário político norte-americano — apesar de seis anos antes, em 1962, não ter vencido a eleição para governador da Califórnia após o término de seu mandato como vice-presidente de Eisenhower. Ele baseou sua campanha presidencial na mobilização de uma reação contra os movimentos da década de 1960, conclamando “a maioria silenciosa” — código para brancos conservadores — para defender a “lei e a ordem” — código para oposição a negros militantes e estudantes antiguerra.

## O QUE ACONTECEU EM CHICAGO

Os oito réus foram acusados de conspirar para promover um tumulto popular nas ruas de Chicago. Porém, nos meses que antecederam a convenção, os líderes fizeram o possível para tornar os protestos legais e pacíficos. Tanto os Yippies quanto os Mobe solicitaram autorizações para as manifestações junto aos órgãos

competentes em Chicago. Todas foram negadas. Eles recorreram ao judiciário e, mais uma vez, o pedido foi recusado. Sem as autorizações, não haveria eletricidade para o palco das bandas e, portanto, nada de “festival da vida” — praticamente garantindo um confronto violento entre a polícia e os manifestantes.

Mais tarde, a comissão encarregada de investigar os acontecimentos nos arredores da Convenção Nacional Democrata em Chicago os descreveu como um “tumulto policial”. Esses eventos foram exaustivamente examinados durante o julgamento. Em resumo:

**Domingo, 25 de agosto de 1968:** Um dia antes da abertura oficial da Convenção. Manifestantes e ativistas começaram a se reunir no Lincoln Park. A cidade havia decretado um toque de recolher às 23h para o local. Na primeira noite de manifestações, Tom Hayden e Rennie Davis lideraram uma marcha do parque até o Conrad Hilton Hotel, o principal hotel para os delegados da convenção. À meia-noite, a polícia executou o toque de recolher, atacando as pessoas no parque com gás lacrimogêneo e cassetetes e efetuando prisões; milhares fugiram pelas ruas.

**Segunda-feira, 26 de agosto:** Primeiro dia da convenção. Abbie Hoffman e Jerry Rubin exortaram os manifestantes a ocupar o parque. Tom Hayden foi preso à tarde e depois libertado sob fiança. Às 23h, hora do toque de recolher, cerca de 3 mil pessoas que ocupavam o parque foram atacadas por policiais com bombas de gás lacrimogêneo e balas de festim. Tom Hayden foi preso pela segunda vez, encarcerado e depois libertado sob fiança.<sup>12</sup>

**Terça-feira, 27 de agosto:** Ao amanhecer, o poeta Allen Ginsberg liderou manifestantes em cânticos, orações e meditação.

Os opositores da guerra realizaram uma manifestação no Coliseu de Chicago, um espaço fechado onde cerca de 4 mil manifestantes ouviram discursos de Dave Dellinger, Abbie Hoffman e outros, e música de Phil Ochs e outros. No Lincoln Park, Bobby Seale fez um discurso para cerca de 2 mil pessoas. Às 23h, a polícia atacou e espancou pessoas no parque. Alguns manifestantes reagiram espalhando-se pela vizinhança para destruir vitrines e travar confrontos contínuos com a polícia.

**Quarta-feira, 28 de agosto:** Uma força de cerca de 12 mil policiais, 6 mil soldados e 5 mil guardas nacionais foi mobilizada, enquanto, no Grant Park, uma manifestação de mais de 15 mil manifestantes, a maior da convenção, se reuniu ao meio-dia na concha acústica, não muito longe do Hilton. Durante os discursos, um adolescente subiu no mastro da bandeira; a polícia avançou através da multidão para detê-lo, espancando e lançando gás nas pessoas. Rennie Davis foi espancado violentamente pela polícia e hospitalizado. Allen Ginsberg e Dick Gregory discursaram. Dave Dellinger tentou liderar uma marcha até o Anfiteatro, mas a polícia o impediu. Em outras partes da área, a polícia atacou os manifestantes com cassetetes e gás lacrimogêneo. Os confrontos continuaram noite adentro, quando a cobertura televisiva da convenção de nomeação de Humphrey foi interrompida por cenas ao vivo de milhares de policiais espancando manifestantes.

Dentro do salão de convenções, o senador Abraham Ribicoff, um democrata de Connecticut, falando do plenário em oposição a Humphrey, denunciou o que chamou de “táticas da Gestapo nas ruas de Chicago”. O prefeito Daley foi mostrado em rede nacional retorquindo ao senador Ribicoff; sua voz era inaudível, mas leitores labiais decifraram seus gritos: “Vai se foder, seu judeu desgraçado, seu filho da puta nojento, vai para casa.”<sup>13</sup> Tom Hayden e

outros manifestantes do lado de fora do Hilton foram empurrados através de vidraças quebradas; a polícia invadiu o hotel, transformando o salão e o lobby em um campo de batalha. A convenção chegou oficialmente ao fim.

Nixon acabou vencendo as eleições em novembro, mas pela menor das margens: cerca de 600 mil votos em 70 milhões. Ele obteve apenas 43% dos votos populares, pois George Wallace, o candidato de um terceiro partido, que apelou para os racistas brancos do Sul, venceu no Deep South. Os historiadores argumentam que Humphrey provavelmente teria vencido caso tivesse se manifestado contra a guerra antes do final da campanha.<sup>14</sup>

#### AS ACUSAÇÕES, OS PROCURADORES, O JUIZ E O JÚRI

Nixon tomou posse em 20 de janeiro de 1969. Os 8 de Chicago foram indiciados dois meses depois, em 20 de março. Todos eles foram acusados de conspiração para viajar a outro estado “com a intenção de incitar, organizar, promover, encorajar, participar e realizar um tumulto”. Dellinger, Hayden, Davis, Hoffman, Rubin e Seale também foram acusados de incitação à violência. Cada uma das duas acusações acarretava uma sentença de cinco anos; portanto, cada réu enfrentava uma pena de prisão de dez anos. Froines e Weiner não foram acusados de incitação à violência, mas de ensinar aos outros como fazer “dispositivos incendiários”.

As outras figuras centrais no julgamento incluíam o advogado de defesa William Kunstler, de 50 anos, um personagem imponente dos tribunais que já havia defendido muitos casos de direitos civis no Sul. Representou Martin Luther King Jr. e os Panteras Negras Stokely Carmichael e H. Rap Brown, bem como Malcolm X. Tinha habilidades retóricas impressionantes e uma capacida-

de incrível de reagir rapidamente aos desdobramentos durante o julgamento.

Leonard Weinglass, o segundo advogado de defesa, nunca havia defendido um caso em um tribunal federal antes. Tom Hayden o convidou porque eram amigos desde que Tom trabalhava em Newark e Len lecionava perto, na Rutgers. Ele acabou se mostrando um advogado brilhante, um mestre nos detalhes materiais e um trabalhador incansável.

Para o movimento, o juiz Julius Hoffman passou a personificar tudo que havia de injusto e punitivo no establishment. Na época do julgamento, ele já era idoso — 74 anos. Nasceu em Chicago e se formou na faculdade de direito em 1915. Tornou-se juiz distrital em 1947 e juiz federal em 1953, patrocinado por um senador republicano. Era membro de vários clubes exclusivos e morava em um bairro de classe alta de Chicago. Durante o julgamento, ele objetou com veemência ao ser chamado de racista por Bobby Seale e outros, muitas vezes declarando para registro na ata que, um ano antes, fora o responsável pela emissão da primeira ordem judicial para dessegregação escolar no Norte. Mas sua retórica vinha de uma época anterior: “Se há algum juiz em algum tribunal que defende os membros desprivilegiados de outras raças”, disse a um advogado, “sou eu”. O juiz também se ressentiu quando Abbie Hoffman mencionou o fato de ele ser judeu — parte da elite judaico-alemã de Chicago. J. Anthony Lukas, do *New York Times*, questionou “se os esforços do juiz para fugir do seu próprio judaísmo não poderiam explicar alguns dos acontecimentos naquele tribunal” — em particular, sua inexplicável raiva contra os judeus que se comportaram mal no julgamento — Kunstler, Weinglass, Weiner, Rubin e Hoffman.<sup>15</sup>

Os dois procuradores federais desempenharam papéis contrastantes: o mais velho, Thomas Foran, era o profissional calmo, enquanto seu assistente, Richard Schultz, falava com uma voz de eterna indignação. Como procurador, Thomas havia perseguido o crime organizado em Chicago com força total. Ele afirmou ter sido amigo de Robert Kennedy. Seu mentor político mais próximo foi o prefeito Daley, que declarou ao júri que Thomas Foran era “um dos maiores advogados deste país e o melhor homem que conheci na vida privada e pública”. Richard Schultz era mais jovem e menos experiente, mas orgulhoso de seu domínio dos detalhes do caso. Ele parecia acreditar que realmente houvera uma conspiração — Lukas escreveu que “Schultz poderia ter feito o primeiro tordo da primavera soar como uma trama da Sociedade Audubon”.<sup>16</sup>

O júri sofreu durante todo o julgamento. O juiz ordenou que os jurados fossem isolados no primeiro dia, o que significava que, ao final de cada dia de depoimentos, eram levados diretamente para o hotel Palmer House e impedidos por oficiais do tribunal de ter qualquer contato com o mundo exterior. Eles não tinham permissão para ler jornais ou revistas ou assistir à TV. Como distração, os oficiais selecionavam filmes que eram exibidos em sessões em grupo toda sexta e sábado à noite: todos os filmes de James Bond e musicais inofensivos como *Oklahoma!* e *Vendedor de Ilusões*.

Enquanto o júri estava trancado no Palmer House, os réus saíam quase todas as noites para fazer discursos, arrecadar dinheiro e transformar o julgamento em uma ferramenta para mais campanha antiguerra.

## QUESTÕES LEGAIS: A CONSPIRAÇÃO

A primeira acusação na denúncia era “conspiração”, uma que o Ministério Público normalmente aprecia, mas que à primeira vista parece problemática.<sup>17</sup> De acordo com a lei, uma pessoa pode ser acusada não apenas de cometer um crime, mas de concordar com duas ou mais pessoas em cometer esse mesmo crime. Isso pareceria uma espécie de dupla punição — duas condenações pelo mesmo crime. Além disso, segundo a lei da conspiração, o Ministério Público não precisa convencer um júri de que o crime-fim ocorreu para que a conspiração em si seja punível. Na história norte-americana moderna, as leis da conspiração foram usadas tanto contra os sindicatos que planejavam greves quanto contra os funcionários corporativos que planejavam tabelar preços. Provavelmente, o julgamento de conspiração mais notável da história norte-americana na época dos 8 de Chicago foi a condenação de Julius e Ethel Rosenberg em 1951, não por terem roubado o segredo da bomba atômica, mas por terem conspirado para fazê-lo. O Ministério Público também aprecia a lei da conspiração porque cada membro é responsável pelo todo, por todas as ações e palavras dos outros conspiradores. No caso de Chicago, a acusação de conspiração permitiu ao governo reunir muitos líderes dos movimentos antiguerra em um grande e dramático julgamento. Sem ela, cada um teria direito a um julgamento separado para as outras acusações.

Na verdade, a defesa tinha provas contundentes de que jamais existiu conspiração para tumulto. Um documento-chave de planejamento redigido por Tom Hayden e Rennie Davis em março de 1968, cinco meses antes das manifestações, declarava expressamente: “A campanha não deve planejar violência e perturbação contra a Convenção Democrata. Deve ser um ato pacífico e le-

gal... qualquer intenção deliberada de distúrbio implicará o distanciamento das pessoas preocupadas com prisões ou violência e, portanto, diminuirá drasticamente o tamanho e o efeito político da mobilização.”<sup>18</sup> O juiz recusou-se a permitir que o júri tomasse conhecimento da existência desse documento. No entanto, os jurados acabaram concordando com a defesa, e o veredito para cada um dos réus sobre as acusações de conspiração foi “inocente”.

### QUESTÕES LEGAIS: INTENÇÃO DE INCITAR

Seis dos réus foram acusados não só de conspiração, mas também de cruzar fronteiras estaduais com a intenção de iniciar um tumulto. Esse crime federal era novo na época, e sua instituição revela muito sobre o contexto do julgamento. A lei foi aprovada em 1968 e era chamada de “Rap Brown”. No verão de 1967, Brown, presidente do Comitê Não Violento de Coordenação Estudantil (SNCC, na sigla em inglês), discursou para várias centenas de pessoas em Cambridge, Maryland, onde declarou: “É hora de Cambridge explodir, baby. Os negros construíram os Estados Unidos, e se este país não mudar vamos queimar tudo.” Uma hora depois, a polícia trocou tiros com residentes negros e, horas mais tarde, incêndios destruíram a maior parte do distrito comercial pertencente a negros da cidade, bem como uma escola pública negra.<sup>19</sup>

Naquele verão notoriamente quente de 1967, tumultos já haviam estourado nos guetos negros em dezenas de cidades norte-americanas, principalmente em Newark e Detroit, onde o acontecimento foi mais como um levante ou uma insurreição. Em cada cidade, os incêndios e os saques foram desencadeados não por “agitadores externos”, mas, sim, por ações da polícia local. Em Newark, o governador enviou cerca de 17.500 guardas nacionais,

sem treinamento e mal preparados, que atiraram indiscriminadamente em negros e também destruíram lojas de propriedade de negros que haviam sido poupadas pelos rebeldes.

Na época, Tom Hayden era um organizador comunitário em Newark; o governador lhe perguntou o que fazer e seu conselho foi direto: retire a Guarda Nacional. O governador aceitou o conselho de Hayden, mas 23 pessoas foram mortas — 21 negros, a maioria espectadores inocentes mortos por guardas ou policiais. Enquanto isso, em Detroit, outra revolta resultou em incêndios que destruíram quase cem quarteirões do gueto negro; o governador disse que “parecia que a cidade tinha sido bombardeada”.<sup>20</sup> O número de mortos foi de 33 negros e 10 brancos.

Uma semana após a revolta em Detroit, Rap Brown fez seu discurso em Cambridge, Maryland: “Não tente amar o branco azedo até a morte”, declarou, de pé sobre o porta-malas de um carro. “Atire nele para matar. Atire nele para matar, irmão, porque é isso que ele está disposto a fazer com você. Faça primeiro com ele o que ele faria com você.”<sup>21</sup>

Mesmo assim, Rap Brown não poderia ser considerado o catalisador para uma nova lei federal antitumulto, mas o governador republicano de Maryland, um político relativamente desconhecido chamado Spiro Agnew, declarou no dia seguinte: “Agora a política deste estado deve ser a prisão imediata de qualquer pessoa que incite um tumulto e, assim, não permitir que essa pessoa termine seu discurso odioso.” Agnew foi eleito como um político moderado, com apoio significativo de liberais e negros. Porém, sua nova retórica linha-dura o impulsionou à proeminência nacional instantânea, o que lhe garantiu a vaga de vice-presidente na convenção republicana um ano depois e definiu uma nova agenda política

para os republicanos: ganhar votos brancos por meio da retórica “incisiva” contra militantes negros.<sup>22</sup>

Os brancos sulistas no Congresso tomaram a iniciativa de exigir uma lei federal antitumulto. Esses congressistas atribuíram todo o ativismo pelos direitos civis aos “agitadores externos”, com o argumento comum de que “nossos negros estavam se saindo bem até que esses agitadores externos apareceram”. É claro que, em 1967, o principal “agitador externo” nos Estados Unidos era Martin Luther King Jr. Nessa época, o Solid South era um reduto democrata (na verdade, 1968 marca o ponto de virada dos brancos sulistas de democratas para republicanos, com a campanha de George Wallace em um terceiro partido).

No Congresso, a Câmara dos Representantes aprovou um projeto de lei federal antitumulto em fevereiro de 1967, contestado pelos liberais do Norte sob o argumento de que era uma violação constitucional da liberdade de expressão e reunião. No verão de 1967, Ramsey Clark, procurador-geral do governo de Lyndon Johnson, se opôs publicamente, argumentando que as leis estaduais eram adequadas e que “agitadores externos não eram direta ou mesmo indiretamente responsáveis por esses motins”.<sup>23</sup> Em janeiro de 1968, o presidente Johnson, em seu discurso do Estado da União, declarou que não apoiaria a legislação federal antitumulto, e o Senado não aprovou o projeto da Câmara.

No entanto, um mês depois, Johnson mudou de posição, na esperança de evitar a oposição republicana de “lei e ordem” à sua esperada pretensão à reeleição naquele outono. Ele também precisava do apoio dos democratas do Sul para a guerra cada vez mais impopular no Vietnã. Nesse ponto, o pacto com o diabo foi traçado. Os liberais do Senado vinham pressionando por uma nova lei de direitos civis, que incluiria uma seção de moradia aberta,

tornando um crime federal a recusa dos proprietários em vender seus imóveis para negros. Mas o projeto de lei foi prejudicado pela ameaça de obstrução de pauta por parte dos democratas sulistas. O senador Strom Thurmond, da Carolina do Sul, apresentou um projeto de lei antimotins como uma emenda ao projeto de lei dos direitos civis. A essa altura, a única maneira de derrubar a obstrução e aprovar a Lei dos Direitos Civis de 1968 era aceitar a emenda antimotins como parte do projeto.

Assim, o Senado aprovou a Lei dos Direitos Civis de 1968 com a cláusula antitumulto. Os principais liberais do Senado votaram a favor: Robert Kennedy, Ted Kennedy, George McGovern e outros. Ao se congratularem pela aprovação, não mencionaram a parte antitumulto do projeto de lei. Todos os democratas sulistas votaram contra a aprovação devido à seção de moradia aberta. Johnson sancionou a lei em 11 de abril, sem mencionar o projeto de lei antimotins. Seu departamento de justiça, chefiado por Ramsey Clark, nunca aplicou a lei antitumulto em casos concretos.

A lei era hipócrita porque prometia “fazer alguma coisa” sobre os distúrbios que varreram os guetos negros dos Estados Unidos — mas, como Ramsey Clark argumentou, esses distúrbios não foram causados pelos famosos “agitadores externos” que supostamente cruzavam as fronteiras estaduais para incitar a violência. Os motins em Newark e Detroit, e antes em Watts, foram eventos locais nos quais comunidades negras reagiram às provocações da polícia local. O discurso de H. Rap Brown em Cambridge, Maryland, foi a exceção.

Nove meses após a aprovação da lei antitumulto, Nixon foi eleito; onze meses mais tarde, um grande júri federal em Chicago aceitou as primeiras denúncias com fulcro nas disposições antimotins da Lei de Direitos Civis de 1968. Os indiciados não eram militantes negros como H. Rap Brown, acusados de incitar rebeliões

nos guetos, mas cinco líderes antiguerra dos protestos da convenção de Chicago (mais Bobby Seale, acusado das mesmas manifestações antiguerra). O congressista William Cramer, da Flórida, discursou na Câmara: “Como autor da lei antitumulto, é claro que me preocupei com a aparente recalcitrância do procurador-geral anterior em fazer cumprir suas disposições”, disse. “É louvável a atitude do presidente e do procurador-geral Mitchell em implementar o primeiro passo essencial para restaurar a tranquilidade nos Estados Unidos.”<sup>24</sup>

#### QUESTÕES LEGAIS: LISTA DE FALHAS APRESENTADA POR RAMSEY CLARK

Se Humphrey tivesse sido eleito em novembro de 1968, não haveria o julgamento da Conspiração de Chicago — foi o que disse Ramsey Clark, procurador-geral do governo de Lyndon Johnson. Clark descreveu a transcrição do julgamento como “um registro de tormento”.<sup>25</sup> Ele deixou o cargo quando Nixon tomou posse em 20 de janeiro de 1969. Clark não era um pacifista; na época, era um liberal mainstream. Havia indiciado e processado líderes antiguerra, incluindo o Dr. Benjamin Spock, por “conspiração para ajudar e incitar a resistência ao recrutamento militar”. (Ele também presidiu a ação federal em apoio aos direitos civis de maior projeção do século, incluindo a Lei de Direitos de Voto de 1965.) No julgamento de Chicago, Clark foi chamado como testemunha da defesa, que esperava que ele contasse ao júri por que se opunha à aplicação da lei. Mas o juiz Hoffman se recusou a permitir que o júri ouvisse seu depoimento.

Em seguida, Clark descreveu o julgamento de Chicago como um “fracasso miserável” e exortou os norte-americanos a apren-

derem suas lições “para evitar os mesmos erros” no futuro. A lista de falhas é longa, a começar pela lei que criou um novo crime federal — o de cruzar fronteiras estaduais com a intenção de incitar um tumulto. Era uma lei cuja “gênese”, sugeriu ele, foi “apenas o medo e a hipocrisia”: as leis estaduais contra incitação e perturbação violenta da ordem deveriam ter sido suficientes, afirmou, caso um crime fosse cometido em Chicago pelos organizadores da manifestação.<sup>26</sup>

A segunda falha descrita por Clark surgiu no início: a recusa das autoridades de Chicago em emitir autorizações para que os opositores da guerra pudessem se reunir, ouvir discursos, marchar e se manifestar na Convenção Democrata. Afinal, eles tinham o direito assegurado pela Primeira Emenda de se juntar para discursar contra a guerra. Claro, é possível que alguns manifestantes cometessem atos violentos mesmo se as autorizações tivessem sido emitidas, mas é quase certo que a esmagadora maioria, não.

A terceira falha foi a sanção oficial para um tumulto instigado por ação da polícia. A liderança da cidade — ou seja, o prefeito Daley — deveria ter esclarecido que a disciplina policial era necessária e que a violação da lei pela polícia não seria tolerada. Em vez disso, ele passou a mensagem oposta aos policiais.

A acusação de conspiração nunca deveria ter sido feita, sugeriu Clark. O indiciamento deveria ter focado atos ilegais de violência e incitação. Na verdade, para ele, o fato de os réus terem sido absolvidos dessa acusação era um forte indício de que ela foi apenas uma manobra para possibilitar que todos tivessem um único julgamento-espetáculo, em vez de oito julgamentos separados.

Clark também sugeriu que Bobby Seale nunca deveria ter sido indiciado, pois não teve nada a ver com o planejamento do protesto, compareceu apenas no último minuto e fez um breve discurso

no qual reafirmou o que ele e muitos outros militantes negros haviam dito “milhares de vezes” sem serem processados.<sup>27</sup>

Outra falha, afirmou Clark, foi colocar o caso nas mãos de um procurador intimamente ligado ao prefeito, alguém que estivera pessoalmente envolvido nos eventos em questão. Por fim, em sua opinião, atribuir o caso ao juiz Hoffman foi um erro. Ele não tinha o “temperamento adequado” para um julgamento de tamanha “volatilidade inerente”.<sup>28</sup>

A decisão do procurador-geral do governo democrata anterior de não indiciar os líderes da manifestação de Chicago, suas críticas públicas às acusações e ao julgamento e sua disposição em testemunhar pela defesa enfatizam o fato de que este foi realmente um julgamento político desde o início.

#### QUESTÕES LEGAIS: A ESTRATÉGIA DE DEFESA

A defesa abordou o julgamento como uma farta oportunidade para apresentar o argumento antiguerra perante uma audiência nacional. Eles planejavam ir além da contestação dos fatos descritos no julgamento e, como Tom Hayden escreveu mais tarde, apresentar ao júri e ao país seu entendimento “do que estava acontecendo nos Estados Unidos que nos motivou a assumir uma posição em Chicago”.<sup>29</sup> Além de argumentar que o julgamento foi uma tentativa do governo de desviar a atenção da guerra, eles desejavam reivindicar um “direito de resistência” norte-americano. Sua estratégia era parte do movimento de passar do protesto à resistência; eles queriam apresentar resistência no tribunal, para zombar do sistema e, assim, deslegitimá-lo; desejavam usar o julgamento para reunir as forças antiguerra em todo o país e, dentro do tribunal, apelar aos jurados com a doutrina radical da anulação da lei

— a noção de que o júri pode julgar tanto a lei quanto as provas e, desse modo, concluir que a lei é injusta e libertar os réus.

Além disso, em reuniões pré-julgamento, os réus se dividiram em relação às estratégias. Discordaram sobre a possibilidade de tentar conquistar alguns jurados com argumentos deliberados e racionais e, assim, acarretar um impasse do júri que evitaria veredictos de “culpado” e os manteria fora da prisão para continuar a organizar campanhas antiguerra — a posição de Hayden. A estratégia alternativa era perturbar, desafiar e, assim, “dessantificar” o sistema judiciário para o grande público — a visão dos Yippies, Abbie Hoffman e Jerry Rubin, e também de Dave Dellinger. Rennie Davis intermediou um meio-termo em que tanto a política antiguerra quanto o teatro da cultura jovem seriam apresentados — um total de 104 testemunhas de defesa que, juntas, personificariam a história dos anos 1960.

### ENTENDENDO O VEREDITO

A estratégia de defesa não conseguiu o impasse do júri; no final, todos os doze jurados concordaram em condenar cinco réus pela acusação de incitação. Todos os réus foram considerados inocentes das outras acusações. Por que todos os doze jurados concordaram? Mais tarde, uma jurada contou sua história para o *Chicago Sun-Times* por vários milhares de dólares. Ela explicou que quatro jurados foram conquistados pela defesa e apoiaram veredictos de “inocente” em todas as acusações. As deliberações duraram quatro dias. Por duas vezes, eles disseram ao juiz que estavam em um beco sem saída e não conseguiriam chegar a um veredito unânime — o que teria resultado em impasse caso o juiz aceitasse sua declaração. Porém, como um dos jurados que apoiou os veredictos

de “inocente” declarou mais tarde a Tom Hayden, “o oficial voltou, dizendo ‘vocês têm que continuar deliberando’”.<sup>30</sup>

“Não conseguimos entender a denúncia. Não sabíamos realmente quais eram as acusações”, escreveu Kay Richards — uma das juradas que votou a favor das condenações. Em vez de julgar as evidências de acordo com a lei, os doze jurados se dividiram: oito acreditavam que a punição era a maneira certa de lidar com os encrenqueiros rebeldes e quatro discordavam. Um membro do primeiro grupo declarou mais tarde à imprensa: “Esses réus nem se levantaram quando o juiz entrou. Quando não houver mais respeito, podemos desistir também dos Estados Unidos.”<sup>31</sup> Certamente não era por isso que estavam sendo julgados.

Por fim, os jurados conseguiram se “conciliar” para um veredito, organizado por Kay Richards; “o julgamento tinha que ter algum tipo de conclusão apenas para provar sua eficácia”, disse ela mais tarde. “Prejudica as pessoas, mas funciona.” Claro que o júri não tinha a obrigação de provar que o sistema funcionava. Jean Fritz, que inicialmente defendeu vereditos de “inocente”, mais tarde disse a Hayden que ela e seus três aliados não conseguiam dormir e “ficaram histéricos e desmaiaram” antes de concordar com a “conciliação”. Depois que os vereditos foram lidos e o júri foi dispensado, “desmoronei”, disse Fritz a Hayden. “Comecei a chorar e não conseguia parar. Eu repetia: ‘Acabei de considerar cinco homens culpados por discursos de que nem me lembro’.”<sup>32</sup> Portanto, a estratégia da acusação por trás do que poderiam ser consideradas denúncias enigmáticas foi bem-sucedida: dar aos jurados uma variedade de réus e acusações para que, em caso de impasse, eles pudessem encontrar um meio-termo, inocentando alguns e condenando outros.

No final do julgamento, o juiz Hoffman condenou cada um dos cinco “culpados” a cinco anos de prisão mais uma multa de US\$5 mil. Ademais, assim como seus dois advogados, eles receberam uma pena de prisão por desacato ao tribunal. Todos foram libertados sob fiança até julgamento do recurso.

### APÓS O JULGAMENTO: O RECURSO

Em novembro de 1972, o tribunal de apelações anulou todas as condenações. Primeiro, decidiu que o juiz estava errado ao rejeitar os avisos do júri de que não conseguiu chegar a um acordo sobre os vereditos. Isso por si só era “razão para reversão”. O tribunal de apelações também determinou que o juiz tinha sido sistematicamente tendencioso contra a defesa e que a promotoria havia violado as regras em suas alegações finais — ambos motivos para reversão. E, uma vez que o júri rejeitou a acusação de conspiração, se o governo quisesse processar novamente os réus, eles teriam direito a julgamentos separados. Em caso de novo júri, o procurador-geral Ramsey Clark teria permissão para testemunhar.<sup>33</sup> O governo decidiu não prosseguir com a acusação de nenhum dos réus.

O tribunal de apelações também ordenou um novo julgamento em relação às acusações de desacato, que se realizou em Chicago em outubro de 1973, três anos e meio após o término do julgamento original. O juiz Hoffman sentenciou todos os oito réus e seus dois advogados por um total de 175 incidentes de desacato. Somadas, as sentenças totalizaram mais de dezenove anos; individualmente, variaram de dois meses e meio (Weiner) a mais de quatro anos (Seale e Kunstler). O juiz Hoffman ordenou que as sentenças por desacato fossem cumpridas simultaneamente com

as penas das acusações originais, então, na prática, apenas Froines e Weiner, que foram absolvidos de todas as acusações, e Kunstler e Weinglass enfrentaram pena de prisão apenas por desacato.<sup>34</sup>

As regras da Suprema Corte para casos de desacato estabeleciam que, nas situações em que penas “graves” eram possíveis, era necessário haver um julgamento com júri e juiz distintos — penas “graves” passaram a ser definidas como sentenças de prisão de mais de seis meses. O juiz Hoffman listou cuidadosa e exaustivamente cada incidente de desacato e declarou uma pena específica. Muitas delas pareciam frívolas — por mandar um beijo para o júri (Abbie Hoffman), um dia na prisão; por rir no tribunal, sete dias. Eram mesmo crimes que mereciam penas de prisão? Normalmente, em um caso de desacato, todo o registro do julgamento era apresentado, em vez de incidentes separados, e uma única sentença, decretada. Aparentemente, o juiz Hoffman esperava que, prolatando sentenças separadas para atos independentes, cada uma tivesse menos de seis meses de duração e, assim, ele poderia evitar a exigência de um julgamento separado. Portanto, embora Kunstler e Seale tenham recebido sentenças de mais de quatro anos, nenhum incidente mereceu mais de seis meses.

O contexto político no qual as acusações de desacato foram julgadas novamente era muito diferente do julgamento original. Nixon foi reeleito com uma vitória esmagadora em novembro de 1972; George McGovern venceu apenas em Massachusetts. Nixon baseou sua campanha na alegação de que tinha “um plano secreto para acabar com a guerra”, que mesmo assim continuou. Em dezembro de 1972, Nixon ordenou o bombardeio de Natal em Hanói — o mais brutal e destrutivo da guerra —, que foi encarado com indignação pelo movimento antiguerra nos Estados Unidos e ampla oposição no exterior. E o ataque não conseguiu mudar a

posição do Vietnã do Norte nas negociações secretas de paz que estavam em andamento.

A guerra dos Estados Unidos no Vietnã terminou em janeiro de 1973 com um tratado que admitia a derrota. No Acordo de Paz de Paris, os Estados Unidos concordaram em retirar todas as suas tropas no prazo de sessenta dias e aceitaram a presença de tropas do Vietnã do Norte no Sul. Isso preservou a ficção de que o governo de Saigon era um aliado independente dos Estados Unidos; em troca, o Vietnã do Norte concordou em libertar os prisioneiros de guerra capturados quando os B-52s foram abatidos. Nesse ínterim, o *Washington Post* começou a publicar artigos de Bob Woodward e Carl Bernstein sobre o Watergate. Foi nesse momento que um outro juiz iniciou o novo julgamento sobre as acusações de desacato.

Na visão convencional, o desacato exibido no tribunal fazia parte de uma estratégia deliberada da defesa para atrapalhar o julgamento, para levar o confronto das ruas para dentro do tribunal. De acordo com essa visão, os incidentes listados pelo juiz Hoffman em suas acusações de desacato demonstravam a intenção dos réus de “deslegitimar o sistema”. Alguns deles chegaram a afirmar isso durante e após o julgamento, mas um estudo cuidadoso mostra que não foi o caso. Harry Kalven, professor de direito da Universidade de Chicago que analisou as acusações de desacato, constatou que a maioria dos incidentes ocorreu em apenas dezesseis dias — durante um julgamento que durou cinco meses. Por longos períodos, de até semanas, praticamente não tiveram incidentes de desacato. Na verdade, todas as ocorrências graves citadas pelo juiz Hoffman foram desencadeadas por dois ou três eventos: a maneira como Bobby Seale foi tratado, primeiro com a negativa de seu direito de representar a si mesmo e, depois, o espetáculo intolerável em que foi amarrado e amordaçado; e então

a revogação da fiança de Dave Dellinger, o mais velho e mais respeitado dos réus, e a sua prisão no final do julgamento. Kalven concluiu que a defesa não seguiu uma estratégia consistente para atrapalhar o processo de julgamento; ela apenas protestou em eventos específicos que pareciam ultrajantes e injustos não só para os réus, mas para muitos observadores.<sup>35</sup>

O novo julgamento em relação às acusações de desacato ocorreu perante um novo juiz, Edward Gignoux, do Maine. Após cinco semanas, ele decidiu que 146 das 159 acusações do juiz Hoffman não eram válidas. Declarou que cada um dos episódios poderia “ser considerado uma resposta, embora excessiva, à atitude autoritária do juiz”. Apenas treze foram mantidas. Tom Hayden e Rennie Davis foram inocentados de todas as acusações de desacato, assim como John Froines, Lee Weiner e o advogado Leonard Weinglass. Quatro foram considerados culpados por algum ato de desacato — Jerry Rubin, Abbie Hoffman, Dave Dellinger e o advogado William Kunstler —, mas o juiz decidiu não impor quaisquer sentenças, sob o fundamento de que o tempo já passado na prisão era punição suficiente.

#### APÓS O JULGAMENTO: OS REÚS<sup>36</sup>

A vida de **ABBIE HOFFMAN** após o julgamento foi, de certa forma, ainda mais incrível do que antes. Em 1971, ele publicou *Steal This Book* [“Roube Este Livro”, em tradução livre], um guia para viver de graça, à margem da lei, nos Estados Unidos — nas palavras de seu biógrafo Jonah Raskin, descrevia uma era “em que ainda era possível para egressos do subúrbio encontrar um ‘lugar para dormir’ mais ou menos confortável em uma cidade estranha, obter assistência social e vale-refeição com relativa facilidade”.

Dezenas de milhares de cópias foram compradas (ou roubadas). Porém, quando o movimento ruiu, Abbie se tornou traficante de cocaína e, em agosto de 1973, foi preso em um hotel da cidade de Nova York, estampando a primeira página dos jornais na cidade e chocando seus antigos amigos e fãs do movimento. Ele enfrentou uma sentença de quinze anos a perpétua. Ao sair sob fiança com a ajuda de um comitê de defesa que incluía Norman Mailer, Abbie decidiu quebrar a fiança e viver na clandestinidade no inverno de 1974. Em sua vida clandestina, tinha muito dinheiro, mas enfrentou problemas crescentes de depressão. Em seu livro de memórias de 1980, intitulado *Soon to Be a Major Motion Picture* [“Em Breve Será um Grande Filme”, em tradução livre], descreveu episódios “psicóticos” em que “ansiava pela morte, mas não tinha energia ou iniciativa para ir adiante. Todos os dias começavam com pensamentos suicidas e de me entregar à justiça”.<sup>37</sup>

De acordo com Raskin, ele foi salvo do suicídio nos anos 1970, ao retornar ao ativismo político — com uma nova identidade. “Barry Freed”, um fervoroso organizador de uma entidade ambiental comunitária chamada “Save the River”, que atuava em defesa do Rio St. Lawrence no interior do estado de Nova York. Primeiro, ele liderou delegações ao Capitólio estadual em Albany e, em 1979, a Washington, D.C., para visitar o congressista local. O senador Daniel Patrick Moynihan posou para fotos ao seu lado e declarou à imprensa: “Todos no estado de Nova York têm com Barry Freed uma dívida de gratidão por sua capacidade de organização.” Cada vez mais ansioso para se entregar, ele conseguiu uma entrevista com Barbara Walters no programa *20/20*, da rede ABC, onde revelou ser Abbie. A apresentadora foi totalmente arrebataada por sua história e, de acordo com Raskin, “transformou o programa em um veículo para a causa de Abbie”.<sup>38</sup>

Então, em 4 de setembro de 1980, na frente de uma centena de repórteres e fotógrafos na cidade de Nova York, Abbie se entregou após seis anos e meio na clandestinidade. Ele obteve fiança e se confessou culpado por posse de cocaína; em troca, as acusações de tráfico e quebra da fiança foram retiradas. Cumpriu dois míseros meses em uma prisão de segurança mínima e, depois, foi posto em regime semiaberto em um programa de trabalho em Manhattan.

Antes de ir para a prisão, Abbie procurou tratamento para a depressão em segredo. Os médicos o diagnosticaram com transtorno bipolar e prescreveram lítio. De vez em quando, falava sobre sua condição, mas não tomava a medicação de maneira consistente. Foi resgatado de uma tentativa de suicídio no inverno de 1983 e, no final da década de 1980, retornou ao ativismo político — no episódio mais famoso, foi preso em 1985 junto com Amy Carter, filha do ex-presidente, ao protestar contra o recrutamento da CIA na Universidade de Massachusetts. Tornou-se uma figura notória na mídia e celebridade, com amigos em Hollywood e na TV; o ex-presidente Carter declarou: “Abbie Hoffman é um herói folk.”<sup>39</sup>

No entanto, em 1988, a depressão esmagadora voltou, quando ele morava em Bucks County, Pensilvânia; segundo Raskin, Abbie começou a se preparar novamente para cometer suicídio, organizando seus negócios e suas despedidas. Em 4 de abril de 1989, ele compareceu na Universidade Vanderbilt, no Tennessee, na companhia de Timothy Leary e Bobby Seale. Seria sua última aparição pública e, de acordo com Raskin, “ele planejou assim”. Abbie Hoffman falou sobre os anos 1960: “Éramos jovens, imprudentes, arrogantes, tolos, obstinados — e estávamos certos. Não me arrependo de nada. Acabamos com a segregação legal. Acabamos com a ideia de que você pode enviar 1 milhão de soldados a 16 mil quilômetros de distância para lutar em uma guerra que as pessoas não apoiam. Acabamos com a ideia de que as mulheres são cidadãs

de segunda classe. As grandes batalhas vencidas naquele período de guerra civil e conflito não podem ser revertidas.”<sup>40</sup>

Uma semana depois, em 12 de abril de 1989, Abbie trancou a porta de seu apartamento, despejou o equivalente a 150 cápsulas de fenobarbital em um copo de uísque, bebeu a mistura, deitou-se na cama vestido e adormeceu pela última vez. Em seus dias finais, seus pensamentos estavam nos anos 1960. Pouco antes de cometer suicídio, questionou: “Será que pode acontecer de novo?” E ele mesmo respondeu: “De jeito nenhum. Nunca vai acontecer novamente.”<sup>41</sup> Abbie tinha 52 anos.

**RENNIE DAVIS** tinha sido um dos líderes mais talentosos e eficazes do movimento antiguerra, e um dos mais sãos, em uma época em que nem todos eram; portanto, sua transformação durante os anos 1970 foi a mais perturbadora e desanimadora. No início, ele continuou trabalhando como organizador antiguerra de grandes mobilizações nacionais, uma em maio de 1970 e outra em maio de 1971 — esta última com o objetivo declarado de “parar o governo”, terminando com cerca de 13 mil manifestantes presos. Rennie se manifestou na Convenção Nacional Republicana de 1972 em Miami, na renomeação de Nixon como candidato, e novamente nos protestos contra sua segunda posse em janeiro de 1973. Naquele mês, ele foi a Paris acompanhar a assinatura do acordo de paz que encerrou a participação dos Estados Unidos na guerra.

O capítulo seguinte de sua vida é conhecido principalmente por Tom Hayden, seu melhor amigo e companheiro mais próximo. Rennie ganhou uma passagem de avião para a Índia de um ex-colega de quarto, seguidor de um obscuro guru indiano, Maharaj Ji, de 15 anos (não confunda com o guru dos Beatles, Maharishi Mahesh Yogi). Quando voltou, disse a Tom: “Sei que você vai achar que é loucura, que eu perdi a cabeça” e descre-

veu uma experiência de conversão clássica — um momento “total e extático” em que perdeu sua identidade e se sentiu indefeso. Declarou que se dedicaria a converter pessoas ao guru e à sua missão, a Divine Light Mission, começando com a organização de um evento gigantesco no Houston Astrodome. Disse a Tom que conseguiria a participação de John Lennon e Bob Dylan, que Walter Cronkite faria a cobertura e que 100 mil convertidos compareceriam. Posteriormente, Tom relatou sua impressão ao ver a transformação do melhor amigo: “Achei que iria vomitar.”<sup>42</sup>

Em 1974, houve uma cisão na organização quando o guru Maharaj Ji, então com 16 anos, se casou com uma comissária de bordo de 25 anos. De acordo com a revista *People*, a mãe do guru o deserdou, alegando que o filho consumia bebidas alcoólicas, comia carne e frequentava boates. Ela assumiu o controle da organização e demitiu os mahatmas que não a apoiaram.<sup>43</sup>

Rennie deixou a organização e, de acordo com seu site, na década de 1980 tornou-se “o sócio-gerente de uma empresa de consultoria com uma clientela exclusiva de famílias abastadas, membros de conselho e diretores de empresas Fortune 500”. Na década de 1990, ele tirou quatro anos “sabáticos”, que incluíram um tempo no deserto, onde, segundo declarou mais tarde a entrevistadores, teve um insight profundo sobre a condição humana: “A causa do sofrimento” não é “o que está fora do ‘eu’”, mas “o medo dentro de nós mesmos... Tudo vem de dentro”. Para ele, essa era “uma nova visão tão transformadora e radical quanto uma mudança quântica na consciência coletiva, como quando ocorreu a conscientização de que a Terra era redonda, e não plana”.<sup>44</sup>

Para difundir sua nova visão, Rennie se tornou investidor de risco e professor de autoconsciência. Em 2005, fundou uma empresa chamada “Ventures for Humanity”, uma sociedade limitada

com sede em Las Vegas cujo objetivo é “comercializar tecnologias inovadoras”. De acordo com o site da empresa, seus projetos incluem uma “Ferramenta para Ar Limpo”, que permitirá a toda a humanidade “retornar o ar à condição original de uma era pré-industrial”, e o “Vidro do Futuro”, uma “descoberta revolucionária” para criar “finas telas de televisão... do tamanho de um enorme prédio de vidro”.<sup>45</sup>

**JERRY RUBIN** ficou famoso por cunhar o slogan “Não confie em ninguém com mais de 30 anos”. Em 1968, enfrentou uma inevitável crise pessoal após completar 30 anos. No meio do julgamento de Chicago, ele publicou um livro intitulado *Do It!* [sem publicação no Brasil] — a contracapa o descrevia como “O Manifesto Comunista de nossa era... Uma declaração de guerra entre as gerações — conclamando os jovens a deixarem suas casas, incendiarem suas escolas e criarem uma nova sociedade sobre as cinzas da antiga”.<sup>46</sup> Apesar da retórica inflamada, em 1972, Jerry alegou que deveríamos “trabalhar dentro do sistema” para eleger McGovern, o que lhe rendeu a ridicularização por parte da geração mais jovem de ativistas pós-Yippie.

À medida que a era se aproximava do fim, ele teve um insight brilhante: percebeu que muitos jovens rebeldes dos anos 1960 se tornariam empreendedores de sucesso nos anos 1970 e que elementos da contracultura logo permeariam a cultura dominante, especialmente na publicidade e na mídia. Decidiu liderar o caminho com uma transformação radical de Yippie em yuppie — cortou o cabelo, vestiu um terno e foi trabalhar em Wall Street. Montou “salões de networking” onde jovens aspirantes a empreendedores pagavam muito dinheiro para se reunirem em badalados clubes noturnos em Manhattan. Ele fez o possível para

parecer entusiasmado e otimista, mas a mídia foi brutal com sua transformação, ridicularizando-o regularmente.

Em seu livro de 1976, *Growing (Up) at 37* [sem publicação no Brasil], Jerry descreveu sua transformação: “Nós, ativistas da década de 1960, acabamos perdendo contato com nós mesmos... No movimento de consciência dos anos 1970, tenho uma nova visão: uma pessoa amorosa sem expectativas, que vive de acordo com seus sentidos e no momento presente.”<sup>47</sup> Durante os anos 1980, ele fez uma turnê de palestras universitárias com Abbie Hoffman intitulada “Yippie versus Yuppie”, na qual discutiam em público e Abbie o acusava de ter se vendido — foi um sucesso imenso. Jerry concentrou suas energias empreendedoras em alimentos saudáveis e, em 1991, mudou-se para Los Angeles e se tornou distribuidor de uma empresa texana que vendia uma bebida chamada “Wow”.

Em 28 de novembro de 1994, ele morreu aos 56 anos, após ser atropelado por um carro ao atravessar fora da faixa na Willshire Boulevard, próximo à UCLA, no oeste de Los Angeles.<sup>48</sup> Tom Hayden argumenta que Jerry foi mal interpretado depois do julgamento: “Ele nunca se tornou de direita”, me disse; “um empresário, um capitalista de risco, sim; um republicano, não”.

**DAVE DELLINGER** permaneceu um ativista antiguerra em tempo integral após o julgamento. Em 1972, ajudou a planejar manifestações na Convenção Nacional Democrata em Miami, onde George McGovern foi escolhido para concorrer. Enquanto Jerry Rubin e Abbie Hoffman apoiavam o político, Dellinger se opunha a ele, por trair seus princípios a fim de obter a nomeação do partido — por ser contrário aos direitos dos homossexuais e à garantia de renda mínima para os pobres.<sup>49</sup>

Dellinger escreveu vários livros após o julgamento, incluindo uma autobiografia de 1996, *From Yale to Jail: The life story*

*of a moral disenter* [sem publicação no Brasil]. Ao reavaliar sua oposição a Humphrey em 1968, em vista de todos os danos que Nixon causara ao país, manteve seu argumento original de que o histórico de Humphrey tornara impossível apoiá-lo.

Em 1992, ele e mais doze pessoas participaram de um “Jejum do Povo por Justiça e Paz nas Américas” que durou 42 dias. O protesto coincidiu com o Dia de Colombo, cujos abusos em relação aos aruaques Dellinger sempre alardeou. Ele se concentrava principalmente na oportunidade que se abria aos Estados Unidos — após o colapso da União Soviética — de acabar com os males do militarismo, racismo e capitalismo.<sup>50</sup>

Em 1996, durante a convenção do Partido Democrata, Dellinger foi a Chicago para discursar em um comício da “Stop the Drug War” [Pare a Guerra às Drogas] no Grant Park. Quando os Estados Unidos bombardearam a Iugoslávia, ele fez um protesto pacífico no escritório de seu congressista, Bernie Sanders, que tinha apoiado a decisão. Com 83 anos, foi preso em uma manifestação contra um reator nuclear. Aos 85 anos, levantou-se às 3h e pegou carona até a cidade de Quebec para protestar contra o Acordo de Livre Comércio da América do Norte. Morreu em 2004, em Vermont, aos 88 anos.<sup>51</sup>

**BOBBY SEALE** havia sido preso em maio de 1969 — três meses antes de ser indiciado como parte da Conspiração de Chicago —, acusado no estado de Connecticut, junto com outros sete Panteras, de torturar e assassinar um membro do Partido dos Panteras Negras de Nova York que suspeitavam ser informante da polícia. Em agosto, Seale foi indiciado pelo grande júri de New Haven sob a acusação de ordenar a execução. Na época em que o julgamento da Conspiração de Chicago começou, ele estava detido na prisão em São Francisco pelas acusações de Connecticut.

Em 1970, o julgamento de New Haven tomou conta da vida de Seale. Em 1º de janeiro, dois meses após seu processo ser desmembrado dos demais réus da Conspiração de Chicago, Ronald Reagan, governador da Califórnia, ordenou sua extradição para New Haven a fim de que respondesse às acusações de assassinato. O julgamento dos Panteras tornou-se uma questão política nacional — um comício em 1º de maio atraiu mais de 10 mil pessoas, a maioria estudantes. Universitários de Yale entraram em greve, e uma de suas reivindicações era a liberdade de Seale e dos outros Panteras. No julgamento, dois Panteras de New Haven se declararam culpados das acusações de homicídio doloso sem premeditação e um terceiro foi condenado por conspiração, mas nenhum deles implicou Seale, e as acusações contra ele foram retiradas.<sup>52</sup>

As acusações de New Haven faziam parte de uma campanha para destruir o Partido dos Panteras Negras, iniciada pelo diretor do FBI, J. Edgar Hoover, que, em junho de 1969, afirmou: “O Partido dos Panteras Negras, sem dúvida, representa a maior ameaça à segurança interna dos EUA.” O Relatório Anual do FBI de 1970 declarou que os Panteras eram “o grupo extremista mais perigoso e propenso à violência” do país.<sup>53</sup> Em 1970, o advogado do partido, Charles Garry, afirmou que 28 Panteras foram mortos pela polícia, enquanto muitos outros estavam presos, e alguns, como Eldridge Cleaver, se exilaram do país para evitar a prisão. (Em um artigo de 1971, Edward Jay Epstein comprovou que, na verdade, “apenas” dez Panteras haviam sido mortos pela polícia.)<sup>54</sup>

Em 1973, Seale concorreu à prefeitura de Oakland, obtendo 40% dos votos. O Partido entrou em declínio quando seus líderes se dividiram; primeiro Seale rompeu com Eldridge Cleaver — Seale e o cofundador Huey Newton apoiavam os programas comunitários, enquanto Cleaver, exilado na Argélia, clamava por revolução. Então, em 1974, Huey Newton fugiu para Cuba a fim

de evitar as acusações relacionadas a drogas. No mesmo ano, Seale renunciou à presidência do Partido.<sup>55</sup> Em 1978, ele publicou sua segunda autobiografia, *A Lonely Rage*, descrevendo suas experiências de infância. A primeira foi publicada em 1970, com o título *Seize the Time* [ambas sem publicação no Brasil].

Atualmente, o site de Bobby Seale ([www.BobbySeale.com](http://www.BobbySeale.com)) oferece vídeos e palestras sobre a história e o legado do Partido dos Panteras Negras, bem como um livro de receitas de churrasco.

**JOHN FROINES** se tornou um químico renomado que, durante a administração Carter, atuou como diretor de controle de substâncias tóxicas da Agência de Segurança e Saúde Ocupacional. Em 1981, juntou-se ao corpo docente da UCLA como professor de ciências da saúde ambiental. Atualmente, é diretor do Centro de Saúde Ocupacional e Ambiental da UCLA e diretor do Programa de Treinamento e Pesquisa da UCLA-México/América Latina. O programa treinou centenas de funcionários do governo, estudantes e profissionais mexicanos.

**LEE WEINER** trabalhou durante anos em Washington como especialista em mala direta para organizações sem fins lucrativos e candidatos políticos. Em meados dos anos 1990, tornou-se diretor de projetos especiais da Liga Antidifamação da Cidade de Nova York.

**LEONARD WEINGLASS**<sup>i</sup> teve uma carreira distinta como um dos principais advogados radicais dos Estados Unidos. Representou Mumia abu Jamal, recorrendo de sua sentença de morte até ser demitido da equipe de defesa em 2001. Tirou Kathy

---

<sup>i</sup> Morreu em março de 2011, aos 78 anos. [N. da T.]

Boudin da prisão em 2003, depois que ela cumpriu 22 anos por participar do assassinato de dois policiais como integrante de um grupo radical negro em um fracassado assalto a carro-forte.

**WILLIAM KUNSTLER** permaneceu um advogado extravagante e famoso entre os impopulares. Defendeu os líderes do Movimento Indígena Norte-americano, o queimador da bandeira Joey Johnson, o mafioso John Gotti, além do extremista muçulmano que atirou e matou o rabino Meir Kahane. Em 1994, publicou um livro de memórias, *My Life as a Radical Lawyer* [sem publicação no Brasil]. Morreu em setembro de 1995, aos 76 anos.

**TOM HAYDEN**,<sup>ii</sup> após o julgamento, intensificou seu trabalho antiguerra antes das eleições de 1972, organizando a Indochina Peace Campaign, cuja estratégia era repelir os elementos mais marginais da esquerda e trabalhar no mainstream. Junto com Jane Fonda, Holly Near e outros, viajou pelo país, visitando noventa cidades e discursando várias vezes ao dia. A campanha apoiou McGovern para presidente. Ele e Jane Fonda se casaram e tiveram um filho.

Em 1975, quando a guerra finalmente terminou, Hayden decidiu entrar para a política e, nas primárias da Califórnia em 1976, desafiou o senador democrata em exercício, John Tunney. A ideia era construir uma organização política de base em todo o estado que, após a guerra, disseminasse a força do movimento antiguerra a novas áreas políticas. Com a ajuda de muitos outros, sua campanha desenvolveu um programa que propunha desafiar o “Governo das Corporações” em prol do “Governo do Povo”. Tunney, um democrata tradicional, liderou nas pesquisas iniciais, com uma di-

---

<sup>ii</sup> Morreu em outubro de 2016, aos 76 anos. [N. da T.]

ferença de 55% para 15%. No dia da eleição, Tunney obteve 54%, mas Hayden aumentara seu apoio para 37%, o que, segundo escreveu mais tarde, “foi como uma vitória”.<sup>56</sup>

Com os democratas na Casa Branca (Jimmy Carter) e no governo estadual da Califórnia (Jerry Brown), a nova organização de Tom, a Campaign for Economic Democracy, elegeu candidatos locais em todo o estado, aprovou a legislação de controle de aluguéis e lutou contra a utilização de energia nuclear. Trabalhando a partir de uma base em Santa Monica, Hayden venceu a eleição para a assembleia da Califórnia em 1982 e para o senado estadual em 1992, vencendo sete eleições e atuando por dezoito anos, sempre pelo Partido Democrata. Ele lutou pelos imigrantes que trabalham em condições desumanas, estudantes que enfrentam os altos custos do ensino, pelo meio ambiente e contra a indústria do tabaco. O jornal *Sacramento Bee* chamou-o de “a consciência do Senado”.<sup>57</sup> Ele escreveu vários livros, incluindo uma maravilhosa autobiografia, *Reunion* [sem publicação no Brasil].

As gigantescas manifestações antiglobalização nas ruas de Seattle, ocorridas em 1999, convenceram Hayden de que uma nova geração havia estabelecido novos padrões de compromisso e militância. Após finalizar seu mandato na assembleia estadual em 1999, ele perdeu por uma pequena margem a eleição para a câmara municipal de Los Angeles e começou a lecionar na Occidental College. Em 2005, conforme a guerra no Iraque se parecia cada vez mais com a guerra do Vietnã, Tom organizou uma campanha em torno de “uma estratégia de saída para o Iraque agora”.<sup>58</sup>